

Relatos

HISTÓRIAS PARA DIVERTIR E PARA ENSINAR: LEITURA E PRODUÇÃO DE FÁBULAS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Glacy Kelli Reis da Silva Xavier*
glaycikelli@yahoo.com.br

* Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras pela mesma universidade, com especialização em Linguística aplicada ao ensino. Professora atuante na rede pública de ensino de Niterói (RJ). Atualmente, também é professora substituta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e tutora a distância do curso de Formação Continuada dos professores de Língua Portuguesa da rede estadual do Rio de Janeiro (Projeto SEEDUC/CECIERJ).

Apresentação

O presente trabalho descreve uma atividade de leitura e produção de textos realizada com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. A “fábula” foi o gênero textual selecionado, pois, como retrata Góes (1991, p. 151), “as fábulas são muito atraentes para as crianças pelo fato de estas histórias tratarem de animais, seres adorados por elas”. Além disso, as fábulas oferecem inúmeras possibilidades de desenvolver as habilidades básicas de ouvir/falar/ler/escrever.

Caracterização da Escola

Esse trabalho foi realizado com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vera Lúcia Machado, da rede pública de Niterói-RJ. Os alunos possuíam a faixa etária entre 9 e 11 anos, ou seja, não havia grandes distorções idade/ano de escolaridade. Mesmo se tratando de uma escola pública, o nível socioeconômico dos alunos não era muito baixo; a maioria possuía computador em casa e grande parte dos pais trabalhava fora.

Fundamentação teórica

Como nos comunicamos por textos nas mais variadas situações de interação comunicativa, o ideal é que a formação de usuários competentes da língua seja o objetivo prioritário do ensino de língua materna. E isso não será desenvolvido dominando-se conceitos e regras, mas através de contato com situações concretas de uso da linguagem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) enfatizam que:

[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. [...] A linguagem, por se realizar na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere seu vínculo com a situação concreta de produção. É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento. Produzindo linguagem, aprende-se linguagem. (BRASIL, 2001, p. 24-25)

Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa na escola deve ter como a unidade mais relevante de ensino o texto, que não deve ser usado simplesmente como pretexto para outras atividades de ensino sobre a língua ou sobre a escrita, mas que se constitui em objeto de estudo, por si mesmo. Nesse sentido, os PCNs também afirmam que “a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.” (*op. cit.*, p. 23).

De acordo com o filósofo Mikhail Bakhtin (1994, p. 279), os *gêneros* constituem “tipos relativamente estáveis de enunciados”, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: *conteúdo temático* (o que pode ser dito em um dado gênero); *estilo* (seleção de recursos disponíveis na língua, orientada pela posição enunciativa do produtor do texto); *construção composicional* (sua forma de dizer, sua organização geral que não é inventada a cada vez que nos comunicamos, mas que está disponível em circulação social).

Dolz & Schneuwly (2004, p. 22) compreendem o gênero textual como uma ferramenta, isto é, como um instrumento que possibilita exercer uma ação linguística sobre a realidade, e ressaltam que o ensino dos gêneros representa “uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos educandos”.

Ao selecionar um determinado gênero, o professor deve levar em consideração os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Além disso, segundo Schneuwly & Dolz (*op. cit.*, p. 127), a escolha de um gênero deve considerar o seu caráter motivador para os alunos.

A fábula, gênero da ordem do narrar (Cf. DOLZ & SCHNEUWLY, 2004), sempre atraiu a atenção de adultos e crianças. Coelho (1991, p. 80) afirma que através dos séculos, apesar das transformações sofridas, as fábulas “continuam vivas, sendo retomadas de geração em geração e traduzidas em todas as línguas”.

A palavra latina *fábula* deriva do verbo *fabulare*, que significa “conversar, narrar” (BAGNO, 2002), o que nos leva a crer que esse gênero teve origem na tradição oral e tem ligação íntima com a sabedoria popular. O gênero fábula, assim como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. As fábulas têm origem na Grécia Antiga. Bagno (*op. cit.*) no artigo “Fábulas Fabulosas”, nos conta que:

Na história do Ocidente, houve grandes autores de fábulas. Na Grécia antiga, o mais famoso deles foi Esopo, que viveu entre os séculos VII e VI antes de Cristo. Diz a tradição que Esopo era um grande contador de histórias, mas que não deixou nenhuma fábula escrita. Seus apólogos foram registrados de forma literária mais tarde por outros autores. O mais importante deles foi o romano Fedro (15 a.C. - 50 d.C.), que se declarava admirador e imitador de Esopo. [...] No século XVII, na França, viveu o mais importante fabulista da era moderna: Jean de La Fontaine (1621-

1695). La Fontaine, além de compor suas próprias fábulas, também reescreveu em versos franceses muitas das fábulas antigas de Esopo e de Fedro. É dele a fábula mais conhecida de todo o Ocidente, "A cigarra e a formiga".

Em nosso país é importante mencionar o escritor Monteiro Lobato. Em seu livro, intitulado *Fábulas*, ele recria e reconta *Fábulas de Esopo e La Fontaine*, além de contar suas próprias fábulas. Nesse livro, a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo está presente, fazendo comentários após cada narrativa.

As fábulas destacam-se por serem narrativas normalmente breves, de natureza simbólica, e de fácil assimilação por parte dos leitores. Possuem dupla finalidade: divertir e instruir, uma vez que apresentam um provérbio como lição de moral. Segundo Fiorin & Savioli (1995, p. 398), elas podem ser divididas em duas partes principais: a *narração* propriamente dita, que é "o texto figurativo, em que os personagens são animais, homens, etc." e a *moral*, que é "um texto temático, que reitera o significado da narração, indicando a leitura que dela se deve fazer".

A narração apresenta uma estrutura relativamente fixa: situação inicial, conflito, tentativa de solução, solução final e, por fim, a lição de moral. Os tipos de problemas podem ser variados. As fábulas apresentam geralmente animais como personagens; no entanto, segundo Lajolo (2005), também há fábulas sobre objetos, sobre plantas, sobre a morte, sobre pessoas etc., sempre trazendo consigo um ensinamento.

Coelho (2000, p. 165) afirma que a fábula "alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade". A lição de moral de fábula poder vir explícita, através de um provérbio, ou implícita. Apesar de parecerem historinhas para crianças, as fábulas foram inicialmente criadas para serem contadas para adultos, de forma a aconselhá-los, distraí-los ou mesmo criticá-los. A moral da história é como

se fosse um resumo, o fechamento da finalidade do autor ao contar determinada história.

Outra característica das fábulas é que não há nelas nenhuma indicação precisa de tempo. Quando há alguma indicação de tempo, ela é vaga, imprecisa, ou seja, do tipo “uma vez”, “certo dia”, etc., sem dizer com exatidão quando acontecem os fatos. Fernandes (2001, p. 54) ressalta que “esse recurso é utilizado justamente para fazer com que o ensinamento seja tido como válido em qualquer época”.

O trabalho com fábulas pode ser muito produtivo com crianças do 1º segmento do Ensino Fundamental, pois elas se encantam em ouvir histórias, principalmente com animais. Além disso, as fábulas podem ser um importante aliado para o trabalho pedagógico não só com a linguagem oral e escrita, mas também na análise de comportamentos e valores éticos.

Projeto de leitura e produção do gênero fábula

Mesmo sendo um gênero familiar, os alunos só teriam condições de construir novas fábulas – ou textos de qualquer outro gênero – após se apropriarem das características do mesmo. Dessa forma, foi elaborado com a turma um projeto de leitura e produção de fábulas. Os principais objetivos desse projeto seriam que os alunos fossem capazes de: interpretar provérbios e fábulas; reconhecer o gênero fábula em meio a outros gêneros; fazer antecipação de fatos com base no título ou no desfecho do texto; construir textos respeitando as características essenciais do gênero fábula; apropriar-se dos procedimentos de revisão textual, compreendendo-os como parte integrante do processo de produção de texto.

A elaboração de um projeto envolvendo gêneros textuais tem como unidade mínima de ensino-aprendizagem a sequência didática. Segundo Dolz & Schneuwly (2004, p. 51) a sequência didática é “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”, ou seja, consiste na elaboração de um projeto de apropriação das dimensões constitutivas de um gênero textual.

A organização de atividades desse tipo prevê uma progressão organizada a partir do levantamento dos conhecimentos que os alunos já possuem sobre o gênero. Então, a primeira etapa do projeto seria a sondagem. Inicialmente, foi verificado o que eles sabiam sobre provérbios e ditos populares, se eles conheciam algum. Foi proposta então uma pesquisa para a aula seguinte sobre provérbios com a família. Eles deveriam fazer uma lista dos mesmos. Na aula seguinte, o assunto foi discutido. Uma lista única dos provérbios encontrados então foi feita.

Em seguida, foram lançados alguns questionamentos aos alunos sobre as *fábulas*, a fim de delimitar os conhecimentos que eles já possuíam sobre o gênero. Além disso, foi pedido que alguns desses alunos contassem oralmente fábulas que conheciam. A partir dos resultados, foi montada a seguinte sequência didática: leitura de fábulas diversas; discussão sobre a lição de moral (relacionando-as a provérbios); criação de histórias a partir de provérbios, ampliando assim a interpretação; revisão dos textos criados; ilustração de cenas das histórias no computador; montagem de apresentação e gravação da narração das cenas; apresentação das fábulas criadas para toda a escola através de *datashow*.

Após a montagem da sequência de atividades, na etapa seguinte, foi lida a fábula “A raposa e as uvas” em sala de aula com os alunos. Discutiu-se sobre o cenário, a personagem e a lição: “Quem desdenha

quer comprar". Foi relacionada, então, a lição de moral aos provérbios pesquisados. Além disso, foi lido com os alunos um trecho do livro *Fábulas*, de Monteiro Lobato, em que a personagem Emília faz comentários, após essa mesma história ter sido contada pela Dona Benta:

– Que coisa certa, vovó! Outro dia vi essa fábula em carne e osso. A filha do Elias Turco estava sentada à porta da venda. Eu passei com meu vestidinho novo de pintas cor-de-rosa e ela fez um muxoxo: "Não gosto de chita cor-de-rosa". Uma semana depois, eu a encontrei toda importante num vestido cor-de-rosa, igualzinho ao meu, namorando o filho do Quindó. (LOBATO, 1991, p. 452)

Com isso, foi feita a interpretação oral e escrita dos textos, relacionando-os. Posteriormente, o texto "O cachorro guloso" foi trabalhado. Desta vez, a lição foi omitida. Após interpretá-lo oralmente, os alunos listaram os provérbios que poderiam ser a lição daquela história. Por meio desta atividade, pretendia-se verificar se eles entenderam o sentido global da fábula.

Em outro momento, foram distribuídos livros de fábulas para que os alunos pudessem ter contato com outros textos. Em grupos, eles tiveram a oportunidade de ler, reler, contar e recontar as histórias, além de refletir sobre elas. Por meio de versões diferentes de fábulas, de autores e épocas diferentes, possibilitou-se a verificação dos elementos que se repetem, constituindo a estrutura composicional do gênero, bem como usar a leitura como construção de sentidos para os textos. Para isso, discutiu-se sobre o título (geralmente apresenta os personagens), sobre a estrutura (são narrativas curtas), sobre os personagens (geralmente são animais, mas podem também ser pessoas, objetos, etc.), sobre o narrador (não participa da história) e sobre a lição de moral (que pode vir explícita, através de um provérbio, ou implícita, mas que pode ser delimitada através do sentido geral da história).

Foi proposta então aos alunos uma atividade de produção e contação de histórias através de apresentações no computador, deixando bem claro qual o gênero que seria trabalhado (fábula), a quem se dirigiria à produção (toda a comunidade escolar), a forma de produção (escrita, visual e oral), e que quem participaria da produção seriam todos os alunos.

Em seguida, eles se dividiram em grupos. Segundo os PCNs, “a interação grupal é, em toda a escolaridade, um importante recurso pedagógico: trabalhar verdadeiramente em colaboração possibilita maior produtividade na aprendizagem” (BRASIL, 2001, p. 123). Dessa forma, foi pedido aos grupos que criassem fábulas a partir de um provérbio. Eles deveriam escolher um provérbio pesquisado e, então, criar a fábula relacionada a ele.

Os alunos, em grupos de três ou quatro, produziram um texto do gênero estudado, que após ser lido e revisado, foi recolhido pelo professor para a leitura e apontamentos de possíveis acertos. A revisão feita pelos alunos é uma etapa muito importante. O professor deve questioná-los de modo que eles próprios percebam as falhas de seus textos. A observação de modelos também é muito importante. Como eles já tinham lido vários textos do gênero, foi mais fácil detectar o que deveria ser melhorado. Vejamos um exemplo:

Era uma vez um garoto que
queria chupar manga ai ele estava
tentando subir na árvore para pegar manga
só que o pé de manga estava ecorregando (sic)
ai ele falou a não queria mesmo elas
estão azedas vou embora ai ele ouviu
um barulho do pé de manga ai ele

saiu correndo quando ele chegou lá
era um galho do pé de manga.

“Quem desdenha quer comprar” (*transcrição de texto produzido pelos alunos*)

O grupo resolveu fazer uma paródia de “A raposa e as uvas”. Nesse texto, o grupo esqueceu o título, não havia marcas de parágrafo e não havia pontuação. O texto também demonstra marcas de oralidade, como a expressão “aí” e falas diretas, sem o uso de travessão.

Na segunda versão, os alunos puderam reescrever o texto, após perceberem o que deveria ser melhorado:

O garoto e a manga

Era uma vez um garoto que queria chupar manga.

Ele estava tentando subir na árvore para pegar manga, só que o pé de manga estava escorregando.

Então ele falou:

- Ah, não queria mesmo! Elas estão azedas. Vou embora.

De repente ele ouviu um barulho do pé de manga. Ele saiu correndo. Quando ele chegou lá, era um galho do pé de manga.

Moral: “Quem desdenha quer comprar” (*transcrição do texto reescrito pelos alunos*)

Para direcionar o trabalho de reescritura de textos, os PCNs esclarecem que:

[...] ensinar a revisar é completamente diferente de ensinar a passar a limpo um texto corrigido pelo professor. [...] Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio

didático para todo professor que pretende ensinar procedimentos de revisão quando o objetivo é muito mais do que a qualidade da produção – a atitude crítica diante do próprio texto. (BRASIL, 2001, p. 47-48)

Deste modo, o professor deve levar o aluno a reconhecer a importância de ler e reler o seu próprio texto. A partir de então, mostrar a possibilidade de reescrever o mesmo para que ele fique tão objetivo a ponto de conseguir alcançar seu alvo: fazer-se compreendido.

Durante o projeto, foram produzidas diversas fábulas pelos grupos. Os títulos foram: “O cavalo e a zebra”; “A joaninha e a formiga”; “O gato e a ração” (paródia de “O cachorro guloso”); “O garoto e a manga” (paródia de “A raposa e as uvas”); “O gavião e o pássaro”; “O menino arrependido”; “O cordão roubado”.

Em outro momento, os grupos foram ao laboratório de Informática e ilustraram cenas das histórias criadas num programa que permite montar cenas com figuras. Em seguida, gravaram a narração da história, de acordo com as cenas e montaram uma apresentação. Finalizamos o projeto com uma apresentação de slides no datashow para toda escola. As histórias criadas pelos alunos do 5º ano prenderam atenção dos demais que estavam assistindo, principalmente dos menores. Além de criativas, as histórias ficaram muito divertidas. Os autores ficaram orgulhosos de suas produções.

Ao final do projeto, pedimos que os alunos avaliassem as atividades realizadas durante esse período. É muito importante ter o *feedback* dos alunos não só ao fim do projeto, mas durante o mesmo, pois a partir daí podemos avaliar se os objetivos estão sendo alcançados e redirecionar as atividades.

Avaliação dos resultados

O resultado do projeto desenvolvido foi muito positivo. Por meio de atividades variadas, os alunos aprenderam brincando e, com isso, se envolveram mais, tornando-se sujeitos de sua aprendizagem. Além disso, o fato de a

atividade ser realizada em grupo possibilitou a troca entre os alunos. Ao interagir com o colega, que possui mesmo nível de escolaridade, idade próxima, mas conhecimento de mundo diferente, um aluno pode ampliar seu repertório linguístico e cultural, refletindo sobre o que está escrito ou vai escrever, utilizando estratégias de leitura, testando suas hipóteses, etc. Nesse processo de construção de aprendizagem, portanto, é essencial a troca de experiências, de conhecimentos e informações entre os alunos.

Com este trabalho, os alunos não só participaram ativamente de todo o processo criativo, como também a compreensão dos provérbios e das fábulas passou a fazer mais sentido, pois, além de reconhecerem a especificidade de cada gênero, puderam perceber a relação entre eles. Dessa forma, as expectativas dos objetivos propostos foram plenamente atingidas. Por exemplo, ao relacionar as fábulas a provérbios, puderam mostrar que compreenderam o sentido global do texto. Da mesma forma, ao criar uma história a partir de um provérbio, demonstraram a interpretação que tiveram do mesmo.

Foi muito bom vê-los tão motivados e, ao final do trabalho, quando o mesmo foi exibido para toda a escola, fechando o projeto sobre as fábulas, observar a alegria deles ao verem que suas histórias criaram forma e até vida, e que suas criações estavam sendo exibidas para toda a escola, que também se divertia com suas produções.

Moral da História

O resultado do projeto desenvolvido foi muito positivo. Por meio de atividades variadas, os alunos aprenderam brincando e, com isso, se envolveram mais, tornando-se sujeitos de sua aprendizagem. Além disso, o fato de a atividade ser realizada em grupo possibilitou a troca entre os alunos. Ao interagir com o colega, que possui mesmo nível de escolaridade, idade próxima, mas conhecimento de mundo diferente, um aluno pode ampliar seu repertório linguístico e cultural, refletindo sobre o que está escrito ou vai escrever, utilizando estratégias de leitura, testando suas hipóteses, etc. Nesse processo de

construção de aprendizagem, portanto, é essencial a troca de experiências, de conhecimentos e informações entre os alunos.

Com este trabalho, os alunos não só participaram ativamente de todo o processo criativo, como também a compreensão dos provérbios e das fábulas passou a fazer mais sentido, pois, além de reconhecerem a especificidade de cada gênero, puderam perceber a relação entre eles. Dessa forma, as expectativas dos objetivos propostos foram plenamente atingidas. Por exemplo, ao relacionar as fábulas a provérbios, puderam mostrar que compreenderam o sentido global do texto. Da mesma forma, ao criar uma história a partir de um provérbio, demonstraram a interpretação que tiveram do mesmo.

Foi muito bom vê-los tão motivados e, ao final do trabalho, quando o mesmo foi exibido para toda a escola, fechando o projeto sobre as fábulas, observar a alegria deles ao verem que suas histórias criaram forma e até vida, e que suas criações estavam sendo exibidas para toda a escola, que também se divertia com suas produções.

Referências

- BAGNO, Marcos. (2002) *Fábulas Fabulosas*. (Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/vdt/vdttxt3.htm>. Acesso em 20/05/2009)
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 1ª a 4ª série*, Brasília, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da Literatura Infantil/juvenil*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FERNANDES, Mônica Teresinha Ottoboni Sucar. *Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: fábula*. São Paulo: FTD, 2001. (Coleção trabalhando com os gêneros do discurso)
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto - Leitura e Redação*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa. (2005) *A narrativa na literatura para crianças e jovens*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/nl/meio.htm>>. Acesso em 20/05/2009.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. V. 3. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

Enviado em 28 de outubro de 2011

Aprovado em 29 de maio de 2012